

Sentidos de contrassexualidade e tecnologias corporais nos diálogos de *Bombadeira* e *Protagonismo Trans*

Eder Fernandes Monica^a

Resumo

*Discutem-se os possíveis sentidos de contrassexualidade e os usos de tecnologias corporais com base em discursos das personagens transexuais dos documentários *Bombadeira* (2007) e *Protagonismo Trans* (2015). Partindo de uma condução analítica pós-feminista que se vale de Rubin, Butler, Haraway e Preciado, tenta-se identificar sentidos discursivos de contrassexualidade nas falas das personagens. A metodologia baseou-se em análise fílmica, discursiva e bibliográfica.*

Palavras-chave: transexualidade; contrassexualidade; pós-feminismo; performatividade.

Recebido em: 14/06/2018

Aceito em: 12/11/2018

^a Professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito. Coordenador do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Direito e Democracia. Orienta trabalhos que relacionam direito e sexualidade e tem publicações na área. E-mail: ederfm@gmail.com

1 O objeto de debate e os caminhos metodológicos da investigação

A análise do trabalho será feita com base em diálogos de dois documentários: *Bombadeira* (2007) e *Protagonismo Trans* (2015). Ambos os documentários foram dirigidos pelo cineasta Luis Carlos de Alencar e apresentam um grupo de personagens semelhantes com relação a identificação sexual e marcadores sociais de diferença, o que justifica seu recorte analítico em relação a sua população. *Bombadeira*¹ colhe depoimentos de travestis² de Salvador que sofreram a “dor da beleza”, intervenções corporais feitas por “bombadeiras”, profissionais conhecidas por modificar o corpo de suas “pacientes” por meio de implantes clandestinos de silicone industrial, a forma mais fácil de essas travestis conseguirem o corpo idealizado, pois é o economicamente mais acessível e dispensa as burocracias e controles institucionais. Longe da glamourização e dos estereótipos, o filme dedica-se a mostrar essa prática clandestina cuidando da sua significação para as travestis: um rito de passagem entre identidades e momentos de vida. Como a própria sinopse apresentada pelo diretor, há ali um universo simbólico de morte e renascimento em que um ciclo de vida se encerra para permitir o início de outro. As entrevistas são feitas no cotidiano da travesti, inter-relacionando relações familiares, afazeres domésticos, ritos religiosos, sonhos e anseios que giram em torno da construção de um corpo feminino.

O documentário *Protagonismo Trans*³, também dirigido pelo cineasta Luis Carlos de Alencar, foi produto de um projeto coordenado pela pesquisadora Adriana Ribeiro Rice Geisler, da Fundação Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, que realizou pesquisas junto à população de travestis e/ou transexuais⁴ da baixada fluminense, com o propósito de refletir sobre suas necessidades ligadas à área da saúde. A escolha do campo empírico, a baixada fluminense, tinha como objetivo alcançar pessoas em situação de maior vulnerabilidade social e com elas constituir rodas de conversa para debater os aspectos estruturais, sociais e culturais associados a questões de saúde e ligados às “transformações corporais” dessas pessoas. As rodas de conversa tocaram em temáticas semelhantes às do filme *Bombadeira*, como o cotidiano, os ritos de passagem das

¹ O documentário está disponível no sítio “Youtube” (<https://www.youtube.com/watch?v=8ukxnIDYdKE>) ou no “Vimeo” (<https://vimeo.com/6653323>). Acesso em 20 fev 2016.

² Como no documentário as personagens praticamente usam o termo *travesti* em detrimento do termo *transexual*, uso os termos sem tanta preocupação taxonômica, mas trabalhando dentro do mesmo jogo de indistincões que ocorre nos documentários entre os termos *travesti*, *homossexual*, *transexual*, *viado* e *gay*.

³ O documentário encontra-se disponível no sítio da produtora *Couro de Rato* (www.couroderato.com.br/protagonismo-trans/) ou no sítio do “Youtube” (<https://www.youtube.com/watch?v=k4yJ3ZoxaAg>). Acesso em 22 fev de 2016.

⁴ No caso do *Protagonismo Trans*, já houve preocupações maiores com os sentidos diferenciadores entre travesti e transexual, questão perceptível na fala de algumas personagens. Talvez seja fruto de um cenário político e social de maior debate sobre políticas identitárias sexuais.

diversas formas identitárias e sexuais assumidas, as questões do âmbito doméstico, religiosidade, trabalho e os desejos de construir um corpo feminino.

Nos dois documentários, as personagens são travestis ou transexuais que se identificam como mulher ou incorporam traços estéticos que socialmente são considerados como femininos. Em ambos, as discussões nas entrevistas giram em torno da transformação corporal e do desejo pelo feminino e de formas interventivas de modificação corporal, como o uso de silicones, hormônios, cosméticos, maquiagens, roupas e, em alguns casos, cirurgias de redesignação corporal (também conhecidas como cirurgias de modificação de sexo). Assim, os temas debatidos se ligam ao recorte teórico que será feito no desenvolvimento desse trabalho, preocupado em questionar os deslocamentos e rupturas nas estruturas binárias de gênero e nas políticas sexuais hegemônicas. Considerando as performatividades exercidas pelas personagens, seus discursos como, expressões de si, são significativos para uma análise empírica dos conceitos discutidos pelos marcos teóricos aqui debatidos, que estão ligados pela percepção de que o sujeito é algo instável, o efeito máximo de suas constantes negociações consigo mesmo e com a sociedade a respeito de sua própria identidade. Além disso, a ligação se estabelece quando a ideia de protagonismo de si, de possibilidades de sujeitos falantes que assumem o comando de suas narrativas, ou a compreensão de que o corpo é uma escrita de si, uma relação constante entre as inconstâncias do corpo e da identidade, são elementos de debate constante entre os autores aqui discutidos. E, por último, o fato de as personagens serem caracterizadas por situações de vulnerabilidade social proporcionam uma análise dentro da tensão entre saberes acadêmicos e vivências do cotidiano de pessoas vulneráveis socialmente.

As narrativas sobre os estados de mudança, sobre os ciclos que se encerram e se iniciam, sobre as sexualidades questionadas, mostram a transexualidade como um fenômeno revelador de um estado novo de coisas. Ali, entre as personagens dos documentários, há a emergência de uma nova geração de corpos que pode ser considerada, usando as palavras de Foucault (1981, p. 231), um “acontecimento”, uma junção de forças que fazem uma outra história acontecer, alterando o curso da história. A dificuldade maior é saber a

que lei obedecem essas mudanças que nos levam a perceber as coisas de outro modo, em que as insuficiências categoriais demonstram relevância e a realidade da novidade, mas que nos levam a complicadas tentativas de explicar a possibilidade dessa emergência. Por isso, uma análise qualitativa dos discursos permite compreender situações, lugares de fala, entendimentos de mundo que dão densidade a tais acontecimentos.

Partindo do conceito de Barthes (2010, p. 96) de “corpus” como uma coleção finita de materiais determinada de antemão pelo analista com “inevitável arbitrariedade e com a qual ele irá trabalhar”, os dois documentários, tanto *Bombadeira* quanto *Protagonismo Trans* servem como significantes da vida social de determinado segmento da população transexual: (ex ou atuais) trabalhadoras do sexo, moradoras de zonas periféricas e pobres da cidade (Salvador/BA e Baixada Fluminense/RJ), de baixa renda e com pouco grau de instrução escolar. Eles podem ser entendidos como dados de linguagem que servem para vários tipos de pesquisa, como um material falado sobre o qual se fundamenta uma análise linguística, servindo como banco de dados para futuras pesquisas.

A seleção de dados feita por meio da coleta de fragmentos dos diálogos dos documentários fornece espaço para uma análise qualitativa dos discursos, num contexto relativamente homogêneo de um corpo textual que se unifica por um tema comum, acentuando a natureza proposital da seleção dos discursos, inevitavelmente arbitrária, mas, ao mesmo tempo, sistemática. Tendo em vista o objetivo da pesquisa, empreende-se uma investigação sofisticada à procura de falas ou argumentos que se relacionam com o tema, desenvolvendo assim uma taxonomia dos discursos com base nos conceitos julgados relevantes para a verificação das hipóteses levantadas pelos marcos teóricos com relação à situação atual das políticas de sexualidade e teorias sobre identidade sexual. Entretanto, a amostragem da população analisada não é representativa no sentido de determinar empiricamente os resultados da pesquisa. A investigação pretende apresentar uma análise piloto para outras investigações empíricas mais abrangentes, oferecendo exemplos de fala que demonstram sentidos sobre a produção de saberes e as tecnologias de intervenção corporal que possam se relacionar com a sexualidade e gênero e com a formação de distintas formas de subjetivação, inclusive

demonstrando a emergência do novo, o corpo para além do corpo moderno.

No caso, a seleção de falas e narrativas compõe um “corpus” tópico (BAUER; AARTS, 2002, p. 54), uma extração de diálogos que formam um sistema planejado para um fim estritamente definido de pesquisa. Esse fim estrito pode tornar-se um recurso para análises secundárias e posteriores, realizadas com base em percepções qualitativas das análises de discurso realizadas nesse trabalho. Assemelha-se a uma pesquisa social com base em textos de entrevistas, na qual a representatividade não é um princípio de seleção de dados. O que se quer é estudar abertamente a dinâmica das interações e experiências pessoais e confrontá-las com percepções exteriores do observador com fundamento em determinados marcos teóricos de análise sobre a sexualidade.

Para a construção do “corpus” linguístico da pesquisa, parte-se das sugestões de Barthes (2010) de buscar a relevância, a homogeneidade e a sincronicidade no momento da seleção qualitativa. A relevância dá-se com a preocupação temática, com a busca de sentidos de produção de subjetividade por meio de tecnologias corporais e suas implicações na materialização dos corpos femininos. Com a separação dos discursos por seus contextos, como as práticas discursivas que foram realizadas em grupos e os depoimentos individuais, são geradas possibilidades de comparação entre contextos diferentes e a percepção das homogeneidades discursivas. Já a sincronicidade é percebida quando o “corpus” é entendido como uma intersecção da história. A percepção histórica mostra-nos as estabilidades e mudanças do material do “corpus” e permite-nos separá-los por sincronias temporais, chegando até a perceber que as mudanças temporais criam dois “corpora” (BAUER; AARTS, 2002, p. 56), um deles ligado a um sentido ainda moderno de corpo e outro que se expressa como anunciador do corpo que está por vir, o corpo para além da modernidade, apregoando um tempo de mudanças nas teorias e práticas sobre a sexualidade.

A representação visual das personagens transexuais pode interferir na interpretação dos diálogos. A imagem caminha juntamente com a escrita e a fala na construção da cultura dos grupos sociais. Assim, é necessário o reconhecimento da imagem visual como documento, pois gera a possibilidade de

extração de compreensões sobre a identidade pela apresentação visual no documentário. Entretanto, o foco não é a análise fílmica com decomposição do filme por meio de estruturas explicativas e esclarecedoras do seu funcionamento para depois propor uma interpretação, pois aqui a decomposição será meramente acessória à análise do discurso. Também não se busca fazer crítica aos documentários por meio de avaliação ou atribuição de juízo de valor ao filme em relação a um determinado fim. Para isso, a consideração sobre alguns aspectos internos e externos aos documentários (PENAFRIA, 2009) oferecem sincronizações com o método aqui empregado.

No aspecto interno, a linguagem audiovisual que dá forma aos dois documentários mostra a singularidade de estilo do diretor. Partindo do pressuposto que uma análise fílmica precisa passar por algum tipo de decomposição, mesmo que mínima (VANOYE; GOLLOT-LÉTÉ, 2002), no aspecto temporal, os documentários estão situados em um tempo recente, com um espaço de oito anos entre eles, no qual a politização da identidade transexual está em constante debate. No caso do recorte espacial, as cenas são vividas em contextos suburbanos, tanto na cidade de Salvador, quanto na região metropolitana do Rio de Janeiro. As personagens são negras ou pardas, de baixa renda e escolaridade, conjugando fatores específicos de profunda vulnerabilidade social. Os planos e sequências, os enquadramentos e a ausência de sonorização musical marcada pelos sons ambientes da gravação dão uma compreensão do cotidiano das personagens com grande naturalidade de caracterização. O próprio ponto de vista do diretor, presente nas conversas com os personagens, mostra a intenção do produto (PENAFRIA, 2009), que é a de fidelidade às narrativas e liberdade de expressão das personagens. São elas que contam a história de suas vidas, são convidadas a falar, expressam o que sentem, são indagadas sobre sentidos dúbios, são reveladas pelas suas falas, são sujeitos falantes de si que escrevem com suas narrativas o diário de suas próprias vidas.

Já no âmbito externo ao documentário, a metodologia conta com uma análise bibliográfica que se preocupa com um recorte analítico de autores que tematizam as contradições discursivas e epistemológicas das recentes discussões sobre as políticas da sexualidade que implicam também uma preocupação com os corpos e as *performances* de gênero

do sujeito moderno. Uma linha específica de debates pós-feministas, que parte de Gayle Rubin (1993) quando define o sistema sexo/gênero e que atravessa novas compreensões conceituais por intermédio de autoras como Judith Butler, Donna Haraway e Paul B. Preciado, chega ao Brasil como herdeira da noção foucaultiana de poder e de crítica aos regimes de produção de identidade e permite profundos debates sobre o que é o sujeito político do feminismo e qual é o corpo autorizado a materializar a feminilidade. Repensando as teorias e as políticas sobre a identidade, tal linha de condução teórica tem sido utilizada para entender os fenômenos recentes de identidade transexual e suas múltiplas possibilidades de alterar os sentidos de gênero, corpo e sexualidade fundados na modernidade. Ao perceber as instabilidades do sujeito, as constantes reestruturações de sua própria identidade, tais teóricos permitem perceber que as atuais identidades sexuais podem se confundir com as tentativas universalizantes de globalizar determinado sentido de identidade sexual ou com as perspectivas de se interpretar e se naturalizar por meio de uma identidade homogênea já formatada dentro do sistema heterossexual, como, no caso dos dois documentários aqui debatidos, a identidade feminina.

O trabalho de desconstrução desenvolvido alinha-se com alternativas ao projeto da modernidade e mostra possibilidades de superação das estruturas binárias que caracterizam a sexualidade moderna: macho e fêmea, masculino e feminino. As performatividades de gênero e as possibilidades de ações subversivas dentro dos códigos linguísticos e das práticas de gênero e sexualidade são questões que Butler (2015) destaca ao perceber as insuficiências de se entender as identidades sexuais e de gênero como essências ou como fruto de um construtivismo social. Os sujeitos ciborgues de Donna Haraway (1995) expressam o início da dissolução do corpo moderno, delimitando os limites do binômio natureza/tecnologia, corpo/plasticidade e as insuficiências para o enfrentamento das questões mais específicas do corpo transexual, do desconforto da sua posição dentro das teorias feministas, lésbicas, *gays* e inclusive transexuais. É nesse ponto que Preciado (2015) se destaca com a proposta de se perceber os limites dos discursos teóricos mais destacados sobre a sexualidade e gênero em suas relações com os discursos médicos, legais ou

burocrático-estatais de controle e formação do corpo moderno. Por intermédio da ideia de “escritura”, de Foucault, e de “suplemento”, de Derrida, Preciado (2015) discute seu conceito de contrassexualidade como sentidos de desconstrução das políticas de sexualidade. O dildo (ou consolo) serve como exemplo de todo um conjunto de tecnologias que produz a identidade sexual e é o “suplemento” que demonstra a não presença dos órgãos sexuais como matérias significantes por si. No caso desse artigo, tecnologias como silicone, hormônios e outras técnicas médicas que modificam o corpo para a produção do sexo feminino ou masculino (faloplastia, vaginoplastia) podem expressar sentidos de “suplemento”, nos moldes empregado por Preciado (2015), na formação do sujeito feminino. O que falta e o que é possível suprir?

Já nas escrituras de si, nos depoimentos que as personagens prestam sobre si, a flexibilidade da identidade sexual é parâmetro para o questionamento de dois sentidos de contrassexualidade. Negativamente, a contrassexualidade apresenta momentos críticos subversivos, mas que não têm a eficácia revolucionária de construir novidade dentro do sistema de produção de sexo/gênero, tal qual apresentado por Gayle Rubin (1993). Manifestam deslocamentos, rupturas, mas se reconstróem enquanto reinterpretções do corpo moderno, como afirmações atualizadas das identidades binárias masculinas e femininas. Positivamente, a contrassexualidade é anúncio do porvir, é o corpo do para além do moderno, é a identidade que reivindica a não vinculação aos limites do masculino e feminino, sujeito incompreensível para o sistema sexo/gênero. Apropriando-se da ideia de Preciado (2015), nesses sentidos negativos e positivos de contrassexualidade, há uma miríade de possibilidades, matizes fracos ou mais intensos de percepções que questionam os parâmetros das atuais políticas de sexualidade. Os discursos presentes em *Bombadeira* e em *Protagonismo Trans* apresentam possibilidades de perceber tanto as tecnologias do sexo quanto as falas sobre si por intermédio dos corpos transexuais, caracterizando todo corpo como político, como uma arquitetura sexual que reproduz os efeitos das políticas de sexualidade, mas que também oferece operações de contraprodução de sexualidade e de prazer.

Os documentários aqui investigados são produtos dos vários fatores da época em que foram produzidos. Eles registram fotográfica e sonoramente algum aspecto do mundo por uma perspectiva que é uma entre as várias vozes na arena de debate e contestação social (NICHOLS, 2005, p. 73). Diferenciam-se da ficção por ter uma abertura para o incontável, uma impossibilidade de construir um roteiro que abarque todos os eventos, pois é constituída das narrativas pessoais de cada personagem. Há a intervenção do diretor na provocação da realidade, com personagens sociais que vivem determinadas situações na realidade, gerando uma proposição sobre o mundo histórico (COMOLLI, 2008, p. 173). Os documentários são compostos por várias vozes que se manifestam por meio das entrevistas e depoimentos e formam uma voz própria, produzindo um significado que passa também pelo ponto de vista do cineasta (NICHOLS, 2005). É certo que um documentário nunca é destituído de valores ou ideologias, um documento desprovido de intenções. Temos intervenções na representação que afirmam a natureza do assunto, a seleção das temáticas, que oferecem argumentos e possibilidades de interpretação. O modo de compor o documentário envolve muitas possibilidades. No caso dos documentários expositivos, como nos dois aqui abordados, as imagens possuem um papel secundário, pois seguem uma lógica verbal associada à objetividade, transmitem informações dentro de uma economia da análise, com argumentações feitas de maneira sucinta e precisa por meio de palavras (NICHOLS, 2005, p. 144).

Unindo os documentários segundo as problemáticas teóricas e políticas sobre a sexualidade das pessoas transexuais, é possível empreender uma “lógica do fragmento” (CALABRESE, 1987), em que o fragmento é o recorte do pesquisador/observador em relação a testemunhos maiores, de depoimentos mais amplos que foram recortados pelo diretor dos documentários. Deixa-se ver pelo pesquisador/observador tal como é, sem uma fronteira profundamente delineada, como um recorte, uma interrupção numa fala maior, mas com significado em si, segundo as exigências analíticas da bibliografia debatida. Nessa renúncia do todo, os fragmentos passam a compor um novo inteiro, um próprio sistema unido ao corpo teórico. A apropriação e o recorte dos testemunhos

das diferentes personagens formam um novo sistema que é representado por cada um dos fragmentos relacionados com as análises da sexualidade. Com o excesso de fragmentos no documentário, a tendência é que a influência do diretor se apague no emaranhado dos recortes. Ao mesmo tempo, os recortes retiram o sentido do todo, não exprimem um sujeito e o tempo da enunciação do seu depoimento maior. E mesmo o próprio fragmento pode oferecer detalhes que dele se destacam, permitindo a constituição de um discurso por meio desse ato de talhar, uma reconstituição de sentidos. A produção do detalhe depende de uma “ação explícita de um sujeito sobre um objeto” (CALABRESE, 1987, p. 86), uma intervenção produtora de discurso. Do mesmo modo, com o jogo analítico das falas misturadas e recortadas dentro do corpo bibliográfico e teórico, a intervenção da pesquisa qualitativa reconstitui sentidos e aponta possibilidades de compreensão.

A entrevista narrativa e o diálogo construído nas rodas de conversas têm em vista “uma situação que encoraje e estimule um entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. [...] Sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes”. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 93). Os testemunhos podem ser compreendidos como uma mistura de explicação, oralidade narrativa, capacidade de julgar e articulação entre presente e passado, entre real e simbólico. Especificamente, os recortes fragmentados permitem uma análise do discurso sobre os corpos em mutação, a percepção de corpos e órgãos em ruptura com as soluções filosóficas e políticas das teorias sexuais atuais, mas também a reafirmação e recepção dos mesmos efeitos políticos do sistema de sexo/gênero tradicional.

2 Análise: tensões entre práticas subversivas e práticas de um cotidiano de vulnerabilidades

A noção de “sistema sexo/gênero” de Rubin (1993) permite entender como um aparato social toma uma matéria-prima, o sexo, e a transforma em um produto, o gênero. Esse sistema se define por um conjunto de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da ação humana que satisfazem as necessidades sexuais desse

grupo em determinado tempo. Dentro desse sistema, o sexo, entendido como matéria-prima, encobre o seu caráter de constructo social, de conceito que, tal qual o gênero, também é fruto de compreensões socialmente constituídas. Judith Butler (2015) destaca-se como autora que questiona os limites desse conceito de “sistema sexo/gênero”, pois, para ela, tanto gênero quanto sexo são categorias construídas, não são dados *a priori*. Um dos casos mais paradigmáticos usados por Butler para demonstrar o caráter socialmente construído da noção de sexo é a transexualidade. Nela, o sistema sexo/gênero se torna questionável, pois as ligações clássicas entre os termos são insatisfatórias para explicar os trânsitos para além dos binários.

No sistema sexo/gênero, pessoas transexuais seriam definidas com um sexo no momento do nascimento e, logo após, com um gênero. Entretanto, acabam desenvolvendo práticas rotineiras de significados de “outro gênero” ou de zonas indeterminadas de gênero não identificáveis exclusivamente com o masculino ou feminino. Assim, nem sempre as diferenças sexuais são determinantes de gênero. O sentimento e a autoidentificação com o masculino ou feminino não são vinculados necessariamente à presença ou ausência de órgãos sexuais, mesmo que sejam fatores preponderantes na determinação da identidade com base no sistema sexo/gênero. Dentro do sistema sexo/gênero, ocorre um processo de escritura do corpo, daquilo que Butler (2002) denominou como materialização dos corpos como efeitos de uma dinâmica de poder. É a história de uma sociedade que se naturaliza em certos códigos que permitem e excluem certas materialidades. No signo da heterossexualidade, há uma constante operação de repetição dos códigos binários masculino e feminino que exige do sujeito a sua construção por meio da seleção daquilo que deve interiorizar, o que deve excluir e o que deve ser compreendido como abjeto, como impossível de ser reconhecido e legitimado. Ao comentar sobre o processo de inserção de silicone que realizou com uma “bombadeira”, uma personagem descreve a sua situação de realização de um desejo, mas dentro dos códigos aceitáveis:

Porque eu queria ter um corpo feminino. Eu não me aceitava como eu era, de jeito nenhum. E não me aceito. Só que hoje em dia eu considero que sou uma mulher por ter feito quatro vezes a aplicação de silicone, por ter modificado meu corpo,

porque se não fosse isso o meu corpo seria o de um homem normal. (BOMBADEIRA, 2007).

As modificações corporais operadas pela inserção do silicone mostram que sobre o corpo são feitas exigências de mudanças que se relacionam com os processos de constituição da subjetividade, selecionando os elementos corporais e estéticos aceitáveis para os padrões e contextos em que se vive, mesmo que a aceitação se encontre no limite da ordem:

Se eu tiver ainda a oportunidade de ‘bombar’, eu bombo ainda o meu peito. Mas se não tiver, eu sou um travesti [...] do mesmo jeito. Eu me acho assim. [...] Tem gente que me diz “você é homem”, mas, no dia a dia, vinte e quatro horas eu não me sinto homem. Me sinto como uma travesti, como uma mulher normal (BOMBADEIRA, 2007).

Os limites são artificiais e, por isso, a transexualidade lida com confusões recorrentes nas narrativas que tentam situar o corpo e a identidade dentro da gramática heterossexual. Em outro depoimento, o sentido de adequação corporal e estética se confundem com as exigências de clientes de serviços de sexo, o que expressa que a seleção dos elementos constitutivos de si depende também de elementos externos à autonomia do sujeito:

O mais valioso é o quadril [...] o único atrativo do travesti é o quadril. [...] tem até disputa. Eu boto dois litros hoje e a minha amiga amanhã tá fazendo de tudo para arrumar o dinheiro e botar mais três litros, mais do que eu. [...] É uma disputa, ela quer ficar bonita, porque os clientes na rua gostam de ver coisa bonita, se tá bonita, cheirosa, tudo certinho (BOMBADEIRA, 2007).

Os corpos se revelam explicitamente como materializações de poder, em mudanças corporais que manifestam o feminino como sentido de realização, sem ao menos questionar o modo como o feminino é produzido dentro da matriz hegemônica da política sexual heterossexual:

A travesti só consegue mudar o seu corpo através da bombadeira, que se torna a única saída, o único escape, a única esperança para essa travesti, essa transexual. A prótese, a mudança de corpo pelo meio convencional é muito caro. Então o papel da bombadeira para a travesti, não para a sociedade, é muito importante (BOMBADEIRA, 2007).

São também inscrições corporais que dependem de determinadas “verdades biológicas”, de sentidos que relacionam

noções de sexo e gênero como essências em si: “A minha cabeça é de uma mulher. Eu sou uma mulher. Eu tenho os laudos. Fiz um tratamento durante dois anos no Hospital Pedro Ernesto e vou fazer a minha cirurgia” (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Butler (2015) explica que as performatividades heterossexuais foram inscritas nos corpos como verdades biológicas, deixando espaço para o conceito de gênero ser entendido com base no modo como as relações de poder dão significados sociais para as diferenças entre os sexos. Entretanto, em sua crítica ao essencialismo identitário e ao construtivismo social desenvolvido por determinadas teorias feministas, Butler (2002) questiona a adequabilidade desse uso conceitual complementar entre sexo e gênero que coloca o sexo como um elemento pré-discursivo que atua como ponto de referência para a construção do gênero. Para Butler, o sexo já se encontra “generizado” por também ser uma categoria construída e não um dado “a priori” das ciências biológicas, que opera dentro da gramática binária do masculino e feminino. O sexo apresentaria aspectos de uma norma cultural que governa a materialização dos corpos. Assim, ao se entender a performatividade como uma prática reiterativa e referencial por meio da qual o discurso produz os efeitos que nomeia, o corpo seria entendido como um efeito dessas relações de poder. O sujeito assume uma norma corporal como processo de formação de si por intermédio da adoção de um sexo dado como possibilidade de materialização do seu corpo, mesmo em casos de transexualidade:

Eu comecei a tomar hormônio com doze anos. Eu morava com uma senhora e ela tomava anticoncepcional e ela falou para mim ‘bom, você já tem o rosto de menina, então você toma esse anticoncepcional e o seu corpo vai mudar’. Eu queria ter um corpo bonito mesmo e eu não quis nem saber. Eu fui botando para dentro, botando para dentro, e as pernas engrossando e a bunda saindo e fiquei igual a uma mulher. (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Há uma mistura entre a adoção do sexo oposto e a necessidade de afirmação constante de ser o outro que a sociedade não aceita. A norma corporal impõe, para além dos desejos, uma forma de se constituir enquanto outro. Em um dos depoimentos, a personagem afirma: “o meu maior desejo era ter um peito e um corpo e ser aquelas mulatas de escola de samba.”

(PROTAGONISMO TRANS, 2015). E ser o feminino é precisar da mudança, de aceitar que o que se é e se deseja ser depende de mudar o corpo dado pela “natureza”, como condição última para a realização de si:

Como eu escutei de uma amiga que ela estava cansada na fila, estava cansada de esperar e que, se demorasse muito e ela não conseguisse esperar, ela mesma arrancava o sexo dela. Uma amiga virou para ela e disse que ela poderia morrer, ela falou que morreria, mas morreria feliz, sem aquilo no meio das pernas (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Em uma outra perspectiva, os limites do discurso sobre o sistema sexo/gênero também podem ser lidos como os limites do corpo definido pela própria modernidade. O conceito de Preciado (2015) de contrassexualidade é uma tentativa de avanço crítico⁵ com relação às teorias sobre a sexualidade e oferece a oportunidade de se desenvolver uma análise crítica da diferença entre sexo e gênero, produtos do “contrato sexual”⁶ heterocentrado. Em um sentido negativo, ele se dedica à desconstrução sistemática das práticas sexuais e do sistema de gênero naturalizado. Além do sentido crítico, o conceito de contrassexualidade leva-nos à substituição do “contrato sexual” pelo “contrato contrassexual”. Esse novo contrato seria analiticamente empregado para explicar as novas situações nas quais os corpos passam a se reconhecer não mais com base nas categorias binárias de homem e mulher, mas como corpos que falam sobre si e se reconhecem como falantes. É o sentido positivo do conceito de contrassexualidade. Os sujeitos falantes buscam uma renúncia coletiva das identidades sexuais naturalizadas e fechadas a novas compreensões e, além da renúncia das identidades, o abandono dos “benefícios” que poderiam obter ao aceitarem passivamente as naturalizações sexuais e seus efeitos sociais, econômicos e jurídicos. O interessante é perceber que, nos dois documentários, não há quase depoimentos que possam se encaixar no sentido positivo de contrassexualidade. Onde estaria esse sentido teórico de renúncia dos efeitos das produções tecnológicas sexuais entre as falas das personagens? Seria somente um sonho acadêmico distante? Dependeria também da superação das condições de vulnerabilidade da população investigada? Os depoimentos que mostram algum sentido de determinação autônoma do desejo o fazem dentro ainda das produções heteronormativas

⁵ Por se tratar de uma proposta analítica, o objetivo de Preciado (2015) não é o de empiricamente encontrar os sujeitos do contrato contrassexual, mas o de propor uma nova compreensão do desmonte atual do corpo moderno. Baseia-se indiretamente em Michel Foucault, ao entender que a forma mais eficiente de resistência não é a de lutar contra as proibições que afetam a sexualidade, tal qual defendida pelos movimentos de libertação sexual, mas a de produzir sentidos contraprodutivos por intermédio de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna.

⁶ Contrato sexual é o termo utilizado por Carole Pateman (1993) para criticar os teóricos contratualistas clássicos, compreendendo que esse fictício pacto original, para além de estabelecer disposições exclusivamente sociais, também fixa um pacto social ao criar o direito político dos homens sobre as mulheres, justificando implicitamente a sujeição civil moderna das mulheres.

de controle corporal, mostrando pouco avanço no sentido positivo da contrassexualidade:

Eu saio muito com minhas amigas, mas vou muito mais para lugar hétero. Na noite eu não conto, porque eu fico constrangida. [...] fico até com receio de dar um beijo num homem na noite. Quando eu conto muitos perguntam se eu sou operada. Mas eu não vou fazer minha cirurgia por causa de homem. É para o meu corpo que pede isso. Posso morrer com ela fechada. Porque o homem é volúvel, a gente com vagina, ou não, é a mesma coisa (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Para atingirmos o sentido de contrassexualidade positiva, a sexualidade precisaria ser entendida como tecnologia, em que o sistema sexo/gênero estaria dentro de um sistema tecnológico mais complexo, em que as teorias sobre o corpo, situadas dentro dos binarismos clássicos da modernidade, mostrariam a sexualidade como efeito de certa tecnologia sexual que inicialmente identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, menosprezando uma compreensão de sexualidade que abarcasse o corpo em sua totalidade. Junto com Donna Haraway (1995), seria necessário construir uma “história das tecnologias” que fundam a noção moderna de humanidade, desnudando a “natureza humana” como um efeito da negociação permanente entre o humano e o animal, entre o corpo e a máquina. Há um apregoar de um novo que ainda não se compreende dentro das estruturas do passado, presente e futuro. A linearidade temporal do sujeito dissolve-se nos tropeços interpretativos da situação:

Por mais que a pessoa possa desconfiar, quando me vir nua vai ter a certeza que eu tenho um órgão genital feminino. Quando eu me relacionar, depois de operada, eu vou contar para a pessoa, porque o meu passado nunca vai acabar, meu histórico sempre vai vir junto comigo (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Essa história das tecnologias demonstraria que as tecnologias do corpo que produzem o sujeito moderno estão cada vez mais débeis e estão sendo substituídas por tecnologias de uma outra ordem. As antigas fronteiras entre o eu e o outro estão em dissolução, dando lugar a novos tipos de limites fluídos e imprecisos que rompem os dualismos modernos clássicos (ARDITI, 1995), empreendidos por técnicas corriqueiras

desejantes da mutação. Como em um dos depoimentos, expressa-se esse saber comum, que se alimenta pela urgência da mudança: “o meu amigo de treze anos que está lá em casa falou pra mim que está tomando hormônio, mas que está demorando muito para crescer o peito, que seria melhor colocar aquele hormônio que é injetável. Ele nem sabe, não é hormônio que é injetado, é silicone” (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Em um sentido semelhante às críticas de Butler (2002), a sexualidade como tecnologia não se determinaria por meio de essencialismos utópicos e nem por uma postura crítica que baseasse a sua escrita sobre uma noção histórica de dominação masculina e heterossexual. Tal tipo de pressuposição teórica não apresentaria razão histórica ou material para legitimar as mudanças que atualmente estão em curso. Não se estabelece uma continuidade que apregoa as mudanças que estão por vir. Ao contrário, identificam-se os sinais do fim do corpo como foi concebido pela modernidade (PPRECIADO, 2015, p. 23-24).

Monique Wittig (2006, p.22), ao pensar as categorias sobre o sexo, percebe que o sexo como categoria conceitual não existe, pois o que temos é uma estrutura de opressão que marca um determinado sexo como dominante e outro como dominado, em uma “divisão natural dos sexos que preexistiria à (ou que existiria fora da) sociedade”. Há uma arbitrariedade de regulações que se inscrevem sobre os corpos, assegurando a exploração material de um sexo sobre outro, sendo o gênero uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais (PRECIADO, 2015, p. 24 e 29). Dentro das narrativas sobre a natureza, há um empreendimento biológico de engenharia humana que se embebeda da gramática heterossexual e produz sentidos de feminilidade e masculinidade por meio da dissecação do corpo humano, posteriormente identificando suas partes e reconstituindo o todo corporal dentro de políticas de diferenciação sexual em que os “outros inadequados” apresentam-se como o diferente do corpo heterossexual. Essa dissecação corporal exige dos órgãos corporais funcionalidades sexuais e designações eróticas dentro de assimetrias de poder entre os gêneros. Estruturalmente, a exploração sexual faz-se por meio da designação das mulheres como força de trabalho sexual e como meio de reprodução em benefício dos homens, reduzindo a “superfície erótica aos órgãos sexuais reprodutivos” e privilegiando “o pênis como o único centro mecânico de

produção de impulso sexual” (PRECIADO, 2015, p. 26). Há tensões nos depoimentos entre funcionalidades dos órgãos sexuais, adequações e inadequações sexuais a partir do centro heterossexual e desejos que são caracterizados como da essência feminina, em um contexto de submissão em que o corpo da mulher é o que deve saciar o desejo masculino:

É uma prisão, a gente vive presa. Eu não seria nem travesti, nem nada, eu seria *gay* se eu pudesse escolher, porque para o *gay* tudo é mais fácil. Eu não queria nem ser travesti. Hoje eu sou uma mulher transexual. Após a cirurgia, eu vou ser uma mulher. Para a travesti, é muito melhor na questão da cama: come, chupa, faz 69, essas coisas todas. Eu não consigo fazer. Eu queria fazer. Eu acho que estaria até casada. Eu transo com meia-luz, de calcinha, se eu tirar eu boto toalha, é muito conflito (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Dentro dessa desconstrução do corpo moderno, a contrassexualidade assumiria dois sentidos compreendidos com base nas temporalidades e contextualidades das experiências atuais (PRECIADO, 2015, p. 24-25). No primeiro sentido, os movimentos de novas sexualidades não apresentariam significativos rompantes com o curso das instituições sexuais, sendo tecnologias sexuais que, em regra, se apresentariam como fixas ou como inteligíveis dentro da “ordem simbólica” dominante. Há uma continuidade inteligível, pela qual as práticas sexuais são significadas dentro da naturalidade da ordem heteronormativa. Tecnologias sexuais de adequação do corpo ao binário masculino/feminino, em um sentido amplo, operariam dentro do horizonte do fundamento metafísico de toda ordem tecnológica sexual da modernidade, quando não apresentassem a capacidade de uma nova compreensão corporal para além desse sentido moderno. Mesmo com ares de rebeldia, alguns depoimentos demonstram a incapacidade da subversão de romper os limites da ordem estrutural sexual da sociedade:

Quando eu fiz dezessete, eu já quis me montar, já chegou a hora de eu estar satisfeita comigo mesmo, comigo mesma, aliás. Porque eu queria estar de maquiagem, de batom, de roupa decotada, de roupa curta, agora chegou a minha hora, a minha vez. Esse foi mais um perrengue [com a mãe], porque ela me aceitava *gay*, roupa de mulher para ela, por ela já estar aceitando então isso não existe. Hoje é tudo bem. Ela compra bolsa, brinco, maquiagem, a

gente briga por causa de maquiagem, às vezes ela me zoa dizendo nossa você está tão piranha, você está pior que eu (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Há uma inteligibilidade nos marcos binários, em que a “passabilidade”, ou seja, o trânsito do masculino para o feminino (ou o contrário), é negociável e, em alguns momentos, torna-se até aceitável, dada a sua inevitabilidade, desde que haja acomodação em um dos sentidos do binarismo de gênero:

Eu achei que minha mãe iria me aceitar e meu pai não. Meu pai me aceitou e minha mãe não. Meu pai falou ‘não importa o que você vai escolher para você, você vai sempre ser meu filho, a única coisa que eu não quero é que você ande com roupa de mulher’. Um negócio dentro de mim virou e falou pra ele ‘coitado dele, ele vai acordar daqui a algum tempo e vai ver como é que você vai estar’. Hoje mora eu e minha mãe. Meu pai se separou de minha mãe. Minha mãe compra calcinha para mim, minha mãe compra shorts para mim, minha mãe entra comigo em loja feminina, só que tem um problema, ela não me aceita com um homem, porque ela acha que um homem vai me tirar de dentro de casa e ela vai ficar sozinha (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

E são situações que geralmente se relacionam com a aceitação por parte dos pais ou parentes mais próximos, em zonas protetivas de relações tradicionais de parentesco:

Minha mãe botou fogo nas fotos, nas roupas que ela deu, não tem mais referência masculina nenhuma. [...] Se alguém chamar ‘quem é fulano?’, minha mãe vai dizer ‘não tem ninguém aqui não’, se perguntar ‘cadê o seu filho’, minha mãe vai dizer ‘eu não tenho filho, eu tenho três filhas (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Por outro lado, os sentidos contraprodutivos seriam realizados por tecnologias de resistência e formas de contradisciplina sexual que escapariam à causalidade linear do corpo moderno. Em uma temporalidade que se funda nos “múltiplos agoras”, esses usos tecnológicos não seriam meros efeitos de uma verdade natural de uma identidade sexual ou de uma ordem simbólica. Mesmo dentro das construções sociais e psicológicas do sexo e do gênero, seriam realocações de mecanismos, estratégias e usos em um sistema tecnológico mais amplo, com base em um estudo dos instrumentos e dispositivos sexuais que se inserem no para além dos corpos modernos. Os depoimentos revelam vários usos das

tecnologias corporais, vários saberes sobre suas aplicações e manejos, várias invenções criativas de si, mesmo que narradas com base nas gramáticas da ordem posta.

Além dos dois sentidos de contrassexualidade, Preciado (2015, p. 29-31) propõe entender o gênero como protético, pois ele se dá na materialidade dos corpos. Para além de entendê-lo como um efeito das práticas culturais linguístico-discursivas, como performatividade, o gênero é orgânico, é tanto construção, quanto materialidade. Os órgãos não existem em si como sexuais. Quando damos finalidade sexual a um órgão, estamos reconhecendo os efeitos de uma sofisticada tecnologia que “prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua “natureza” (relações heterossexuais)”. Haveria uma similitude entre o gênero, os órgãos sexuais e os artifícios/instrumentos sexuais (como o *dildo*, o silicone e os hormônios). Por meio dos artifícios, é possível perceber a plasticidade da distinção entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas de sexo, entre o corpo e o incorporado. A simbiose que ocorre na produção “sexo-prostética” confere aos gêneros masculino e feminino “seu caráter sexual-real-natural”. Como a plasticidade acaba se revelando e demonstrando a inexistência do “real-gênero-sexo”, as aproximações prostéticas sofrem um processo de renaturalização em benefício do sistema. Em um dos depoimentos, comentando sobre a bombadeira e a inserção de silicone, uma personagem comenta sobre suas próteses e artifícios constitutivos de si:

Para mim foi uma fada madrinha. Eu me liberei de um *shorts* que eu usei durante dez anos. Um *shorts* confeccionado de espuma do lado, costurado. Eu vestia aquele *shorts* e botava a minha calça por cima. Ficava com uma bunda maravilhosa, mas era espuma. E Magui me ajudou a me livrar daquilo (BOMBADEIRA, 2007).

A maquinaria sexo-prostética heterossexual encontra suas inconsistências sistêmicas e, por se tratar de uma ameaça à sua ordem anteriormente posta, precisa falar sobre essas inconsistências por intermédio de categorizações, novas nomenclaturas e um saber disciplinador daquilo que é o seu anormal. As instituições médico-legais inventaram a identidade homossexual e posteriormente a transexual como acidentes não

naturais ameaçadores da estabilidade do sistema de produção dos sexos. Com base nos “corpos errôneos”, os que não são catalogados adequadamente pela gramática heterossexual e que se situam nas zonas de desvio do sistema heterocentrado, chega-se a uma percepção mais objetiva sobre as tecnologias que materializam o sexo e o gênero. Mesmo quando as marcas de gênero ou as referências feitas à heterossexualidade são mantidas, algumas práticas mostram modificações nas ações de enunciação da gramática do sexo e gênero, pelas quais os atos de fala revertem a linguagem hegemônica e dela se apropriam de um modo subversivo. Butler (2015) usa o conceito de performatividade para mostrar que há forças políticas no uso recontextualizado de determinados insultos quando eles são parte de um processo de autodenominação contestadora de um grupo excluído que toma para si a palavra e reclama suas características. Assim, após a nomeação dada pelas instituições médico-legais, as identidades homossexual e transexual passaram a se constituir por meio de deslocamentos e interrupções do eixo performativo que produz a identidade heterossexual. As novas identidades, ressignificadas com base em mutações orgânicas, recriam ontologias sexuais deslocando o pensamento heterossexual dos seus limites como uma “brincadeira ontológica, uma manobra conceitual” (WITTIG, 2006, p. 108), uma “paródia de gênero” (BUTLER, 2015) que se opõe à imposição do gênero.

O uso de silicone, a hormonização e as cirurgias de faloplastia ou vaginoplastia (mudança de sexo) podem se inserir como exemplos paradigmáticos de como o corpo transexual se utiliza de “suplementos” que distorcem a oposição natureza/cultura. É, segundo Derrida (1973, p. 175-78), um “perigoso suplemento”, uma reapropriação simbólica da presença, uma renúncia do “presente” e do “próprio” para melhor dominá-los, na forma ideal de uma verdade, “da presença do presente e da proximidade ou da propriedade do próprio”. Há uma economia de verdade e de aparência pela oposição entre presença e ausência, na qual o substituto (ou o artifício prostético) faz com que se esqueça sua função vicariante, de suprir a função de outro órgão, colmatando a presença. O suplemento então supre, acrescenta para substituir, insinua-se em lugar de algo, por meio de uma falta anterior de presença. Segundo uma das personagens, a suplementação passa a ser

a condição inegociável de reapropriação da presença: “você nasceu assim, mas você quer mudar, é um direito seu, é uma questão de direito, porque é saúde psicológica, tem muitas que se mutilam, tem muitas que colocam qualquer porcaria no corpo” (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Enquanto inicialmente os suplementos prostéticos parecem substitutos artificiais dos órgãos ou funções que pretendem suprir, já iniciam a desconstrução do órgão/função de origem. Eles nunca são suficientes, não estão próximos o bastante do órgão ou função a substituir, não se contentam em imitar (PRECIADO, 2015, p. 81-82). Há limitações físicas insuperáveis, dadas as finalidades já designadas para os órgãos sexuais. Ao comentar sobre preferências de clientes, uma personagem que se prostituía afirmou: “as que tomam hormônio, o espermatozoide sai igual água. As que não tomam, sai igual homem mesmo. Eles gostam é dessas. As bichas que tomam hormônio não ficam com o pau duro, fica mole e duro, mole e duro” (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Os corpos transexuais e transgêneros expressam assim as substituições que ocorrem dentro de uma tecnologia de transincorporação. Como afirma Preciado (2015, p. 94):

Clitóris que crescerão até se transformarem em órgãos sexuais externos, corpos que mudarão ao ritmo de doses hormonais, úteros que não procriarão, próstatas que não produzirão sêmen, vozes que mudarão de tom, barbas, bigodes e pelos que cobrirão rostos e peitos inesperados, *dildos* que terão orgasmos, vaginas reconstruídas que não desejarão ser penetradas por um pênis, próteses testiculares que ferverão a cem graus e que poderão, inclusive, ser fundidas no micro-ondas.

Segundo Rubin (BUTLER; RUBIN, 2003), há um trânsito da história da sexualidade que se desloca da história natural da reprodução para uma história artificial e tecnológica de produção sexual, que possibilita perceber o lugar que os suplementos/artifícios ocupam naquilo que Preciado chama de “complexa trama de tecnologias de produção, de signos, de poder e, finalmente, de tecnologias do eu”. As incorporações prostéticas, para além de substitutos ou suplementos perigosos, apontam para uma reflexão sobre os efeitos da transformação corporal nas novas invocações performativas da identidade sexual e de gênero, deixando em aberto a questão sobre “que

tipo de órgãos-máquina são os órgãos sexuais dessa espécie que hoje denominamos pós-humana?” (PRECIADO, 2015, p. 8).

Mas nem sempre tais usos geram perspectivas subversivas que desviam a ordem. A ritualidade das ações humanas, quando vistas como inseridas nas tecnologias sociais materializadoras dos corpos, são efeitos da “máquina de produção ontológica” (PRECIADO, 2015) de sujeitos que são chamados a si por expressões enunciativas que pretensamente teriam o objetivo de descrever características corporais, mas que acabam performatizando o gênero por meio de atos de fala que densificam um corpo como masculino e feminino. Como apontou Sedgwick (1998), há expressões que aparentemente são descritivas, mas reiteram os efeitos materiais de uma determinada relação de poder de criação de corpos dentro do contrato sexual estabelecido. Afirmações como “eu era um menino”, “nasci homem”, “saí do armário”, “quero um corpo feminino como o daquela mulher” são invocações ritualísticas que estão carregados historicamente de sentidos de poder que revestem os corpos como masculinos ou femininos. Em uma percepção construtivista, uma personagem afirmou: eu costume dizer que eu não sou a Carol, eu me tornei a Carol. Eu primeiro fui ser *gay*. Depois de ser *gay*, eu virei travesti e, depois de virar travesti, eu virei transexual. Ah, mas ninguém vira. Tem sim um processo de construção” (PROTAGONISMO TRANS, 2015).

Nem sempre os atos lidos como subversivos pela ordem hegemônica estão aptos a subverter a sua lógica. Muitos rituais estéticos de modificação corporal e sexual apenas reafirmam as pretensões produtivas de formação do sujeito dentro do marco heterossexual. É o paradoxo apontado por Butler (2015) ao dizer que a performatividade, como repetição e reiteração de ações, é, ao mesmo tempo, o lugar de reafirmação do sistema sexo/gênero enquadrado pela hegemonia heterossexual –que constitui a maior parte dos atos performáticos possíveis - e o lugar onde toda a subversão é possível.

Considerações finais

As análises sobre sexualidade, gênero e questões identitárias não são simplórias. O recorte teórico apresentado tenta mostrar que, no campo analítico, muito se desenvolveu sobre os sentidos subversivos que algumas práticas de sexualidade

possuem. A compreensão de que o corpo é constituído por meio de uma tecnologia sexual mostra que determinadas tecnologias, quando reapropriadas em sentidos reconstrutivos, anunciam tempos novos de mudanças nas práticas de sexualidade e nos discursos a seu respeito. Nas universidades, muito se anuncia em seminários, eventos e cursos o momento em que as próprias pessoas transexuais assumirão o protagonismo em escrever e falar sobre suas próprias histórias.

Entretanto, o questionamento que o pós-feminismo traz é que, junto com a afirmação e mobilização de discursos políticos que movimentam as categorias de identidade para cultivar as identidades em favor de um objetivo político, não se pode perder de vista que a instabilidade dessas categorias desmascara o agente político como agente autônomo e soberano sobre si. Não há uma identidade homogênea como referência para a afirmação do sujeito. E, por outro lado, a performatividade dos gêneros, corpos e identidades geralmente não consegue superar a mera repetição e reafirmação de ações que ainda estão vinculadas ao sistema sexo/gênero, sendo visualizadas como reinterpretações da gramática hegemônica heterossexual, que naturaliza sentidos identitários e controla o processo tecnológico de formação dos corpos e desejos.

Os discursos encontrados nos dois documentários demonstram uma constante tentativa de acomodação das identidades às categorias naturalizadas do binário masculino/feminino. As tecnologias corporais são suplementos para se atingir a busca do feminino desejado, que fazem do corpo o lugar da mutação e “passabilidade” de gênero. As alterações estáticas praticamente inquestionáveis em seu conteúdo fazem acreditar que essências identitárias serão alcançadas se nos valermos dessas tecnologias. As perspectivas subversivas que reconstróem a ordem parecem estar somente no imaginário de poucos teóricos e acadêmicos. Os anúncios de um novo corpo e a defesa da morte do corpo moderno são percepções teóricas importantes, mas pouco encontradas nos discursos pesquisados. Os manifestos que apregoam uma nova sexualidade, os clamores por uma “revolução sexual” entram em tensão com os depoimentos que narram situações ainda agarradas às velhas dicotomias modernas. Indispensavelmente, as teorias políticas de sexualidade precisam caminhar no sentido de recortes mais precisos com relação aos marcadores

sociais de diferença, enfrentando a realidade de contextos de vulnerabilidade social profunda. O contexto de morte e renascimento e as travessias pelas quais os corpos das personagens dos documentários passam mostram uma certa constância de retorno para a estrutura binária. Contudo, mesmo suas vulnerabilidades, denunciam formas subversivas de se libertar das hegemônicas tecnologias de produção da sexualidade, anunciando o corpo do devir.

REFERÊNCIAS

ARDITI, J. Analítica de la Postmodernidad. Prólogo. In: HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaliza*. Trad. Manuel Talens. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: Bauer, M; Gaskell, G, (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 39-63.

BOMBADEIRA. Direção: Luis Carlos de Alencar. Produtora: Cely Leal. Singra Produções. Salvador, 2007, 1h16min, color, Mini DV.

BUTLER, J. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"*. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J.; RUBIN, G. Tráfico sexual – entrevista. *Cadernos Pagu*. n. 21. Campinas, 2003. p. 157-209.

CALABRESE, O. *A idade neobarroca*. Trad. Carmen de Carvalho e Artur Morão. São Paulo: Martins, Fontes, 1987.

COMOLLI, J. L. *Ver e poder: a inocência perdida – cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

DERRIDA, J. J. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

HARAWAY, D. *Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaliza*. Trad. Manuel Talens. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: Bauer, M.; Gaskell, G., (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

NICHOLS, B. *Introdução do documentário*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PATEMAN, C. *O contrato sexual*. Trad. Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PENAFRIA, M. Análise de filmes – conceitos e metodologias(s). *Anais do VI Congresso SOPCOM*, Lisboa, 2009. Anais Eletrônicos. Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em 11 jan. 2016.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2015.

PROTAGONISMO TRANS. Direção: Luis Carlos de Alencar. Produção: Adriana Ribeiro Rice Geisler. Couro de Rato. Rio de Janeiro, 2015, 58min, Color, Full HD.

RUBIN, G. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política do sexo”*. Recife: SOS Corpo, 1993.

SEDGWICK, E. K. *Epistemología del Armario*. Trad. Teresa Bladé Costa. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Tradução: Marina Appenzeller, 2. ed. Campinas: Papirus, 2002.

WITTIG, M. *El pensamiento heterossexual y otros ensayos*. Trad. Javier Sáez e Paco Vidarte. Madrid: Editorial Egales, 2006.

Abstract

Senses of contrassexuality and technologies of the body in the testimonials of *Bombadeiras* and *Protagonismo Trans*

*This article discusses the possible meanings of contrassexuality and the uses of body technologies based on the speeches of transgender characters of the documentaries *Bombadeira* (2007) and *Protagonismo Trans* (2015). From a post-feminist analytical view, specifically the works of Rubin, Butler, Haraway and Preciado, the aim of the study is to identify discursive meanings of contrassexuality in the speeches of the characters. The methodology strategy was based on film analysis, discursive and literature review.*

Key-words: *transsexuality; contrassexuality; post-feminism; performativity.*